

História e Literatura: o uso do relato memorialístico sobre a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), no Ensino de História.

Maykon Albuquerque
Lacerda

Graduando em História
pela Universidade Es-
tadual do Maranhão
-UEMA/ Campus Caxias

Recebido: 07/10/2020
Aprovado: 08/12/2020

RESUMO:

O presente artigo busca relacionar os relatos memorialísticos, a respeito do Holocausto, como possibilidade de serem utilizados enquanto fontes históricas, e de caráter interdisciplinar, na Educação Básica, considerando o contexto da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), e conseqüentemente, às marcas do Holocausto, sob a égide do Regime Hitleriano. No que tange aos procedimentos metodológicos, o presente trabalho se desenvolveu a partir de uma pesquisa bibliográfica, onde no primeiro momento foi feita a escolha de uma obra literária específica (O menino da lista de Schindler), para análise histórica, escrita por Leon Leyson. E posteriormente, um aparato teórico-contextual, que enfoca alguns autores, por exemplo: Sandra Jatahy Pesavento, que nos relata sobre, um diálogo interdisciplinar, e contemporâneo entre Literatura e História. Nessa articulação, Hannah Arendt, discorre sobre às distinções entre antissemitismo e o antijudaísmo. Semelhante ao livro central proposto, tem-se outro clássico literário e histórico, O Diário de Anne Frank, cujo nome da autora faz jus à obra. Portanto, devemos pensar tais relatos, enquanto um método que pode ser abordado no Ensino de História, sobretudo, em contemplar o processo de aprendizado de seu alunado.

PALAVRAS-CHAVE: História; Literatura; Ensino.

Introdução

O mercado literário, referente às obras de cunho histórico sobre a Segunda Guerra Mundial, vem aumentando significativamente no Brasil e no mundo, sendo explicado pelo interesse do público infantojuvenil na interdisciplinaridade entre Literatura e História; comemorado com entusiasmo pelo campo editorial brasileiro, e pela leitura dedicada à história do genocídio da comunidade judaica.

Muitas destas leituras são relatos memorialísticos, em particular, a obra principal que será analisada no decorrer deste artigo¹. Posto que, tais relatos memorialísticos são documentos riquíssimos para o campo historiográfico, pois é possível identificar diversos fatores da contextualização do conflito militar-global, eclodido entre 1939-1945, dentre os quais: psicológicos, higiênicos, discriminatórios, trabalho compulsório, punições de torturas, mortes etc. Desse modo, com o interesse da juventude por este tipo de leitura, nada melhor do que inserir a Literatura na História, como método interdisciplinar, direcionado ao alunado da Educação Básica.

Com isso, a interdisciplinaridade emerge-se, enquanto uma possibilidade de enriquecimento, tanto no ensino de História (disciplina escolar), quanto no desenvolvimento da produção historiográfica, que possui sua historicidade, especificamente, gestada na relação tempo-espaço. Sequencialmente:

Os debates sobre as relações de fontes históricas e história escolar estiveram relacionados às mudanças na concepção de documento histórico e da sua utilização no ensino de história, do qual o resultado pretendido, a partir da compreensão dessa definição, é o diálogo com a vivências do passado, as inquietudes do presente e as expectativas do futuro em relação ao tema estudado, suscitado pelo historiador ou professor/a de história.²

Em virtude disso, percebemos que os relatos ora retratados, que contextualizam à Segunda Guerra, são tidos enquanto fontes relevantes e passíveis de interpretações no ensino de História, ao mesmo tempo que, oportuniza a construção de um novo olhar para esses relatos memorialísticos, problematizando-os, evidenciando suas intenções, destacando o que está por trás deles, e não apenas trata-los como meras descrições de sujeitos e lugares. Então, como uma obra literária pode se tornar uma fonte histórica?

Para isso, é necessário levantar a relação entre história e literatura, que se tornou uma das vertentes contemporâneas da História Cultural. Visto que, essa equação resolve-se no plano epistemológico³, a partir de aproximações e distanciamentos entre a história e a literatura. Neste sentido, a obra literária: *O menino da lista de Schindler*, representa o emprego da imaginação, da ficcionalidade, e da subjetividade da escrita do autor, em relatar um contexto histórico (2ª Guerra Mundial), vivenciado

1 Leon Leyson, *O menino da Lista de Schindler*, Trad, de Pedro Sette Câmara, 1 ed., Rio de Janeiro, Rocco Jovens Leitores, 2014.

2 Najra Lafaeth Silva, *Uso de relatos no ensino de história: debates e experiências*, Florianópolis-SC, 2014, Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de História da Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC, p. 13-14.

3 Sandra Pesavento, *História e História Cultural*, Belo Horizonte, Autêntica, 2003.

por um sobrevivente do Holocausto (um prisioneiro de guerra judeu).

No tocante a isso, tanto a História quanto a Literatura, tornam-se discursos distintos, que almejam representar as experiências dos homens no tempo, logo:

Ambas são formas de explicar o presente, inventar o passado, imaginar o futuro. [...] ambas são formas de representar inquietações e questões que mobilizam os homens em cada época de sua história, e, nesta medida, possuem um público destinatário e leitor.⁴

Isso infere afirmar que, na percepção do público-leitor infantojuvenil, a relevância das produções literárias implicam no diálogo com a história, fazendo-se uma leitura do contexto nas quais as obras ficcionais são produzidas, para melhor compreender a mensagem que o autor quer passar, seu estilo literário, sua escola etc.

No entanto, as intenções, a forma de teorizar, os motivos com os quais cada pesquisador se orienta no ato de ler, é diversificado. Uma vez que, deve-se ressaltar ainda a forma como o leitor vislumbra, e ordena, os fatos dos acontecimentos reais ou imaginários. Por sua vez, os historiadores têm um compromisso com os fatos que interpretam, e que produzem, intrínseco a uma verossimilhança na sua representação narrativa acerca do passado. Dito isso:

A literatura é narrativa que, de modo ancestral, pelo mito, pela poesia ou pela prosa romanesca fala do mundo de forma indireta, metafórica e alegórica. Por vezes, a coerência de sentido que o texto literário apresenta é o suporte necessário para que o olhar do historiador se oriente para outras tantas fontes e nelas consiga enxergar aquilo que ainda não viu.⁵

Nessa lógica, e a partir das indagações que o historiador faz, mediante um conhecimento prévio, do contexto histórico que pesquisa, é que torna-se possível, essa relação frutífera para a História; assim, “quando a história coloca determinadas perguntas, ela se debruça sobre a literatura como fonte”.⁶

Isto é, são às questões direcionadas pelo olhar do historiador, que se descobre na leitura os discursos contidos nas fontes, e faz com que as fontes forneçam, novas pistas para a reflexão e investigação do passado, ao mesmo tempo, em tornam-se instrumento de mediação entre o presente e o passado.

Dessa forma, uma análise de uma obra ficcional feita por um historiador, provavelmente, indagaria quais as contribuições desta obra, para a leitura e compreensão do imaginário da sociedade analisada, ou seja, o que a obra transmite de seu tempo? E como transmite ou ainda com quais intenções transmite? Tudo isso, explica-se pelo viés literário, onde:

A literatura permite o acesso à sintonia fina ou ao clima de uma época, ao modo pelo qual as pessoas pensavam o mundo, a si próprias, quais os valores que guiavam seus passos, quais os preconceitos, medos e sonhos. Ela dá a ver sensibilidades, perfis, valores. Ela é fonte

4 Pesavento, *História e História Cultural*, p. 81

5 Sandra Pesavento, “História e Literatura: uma velha-nova história”, *Revista Nuevo Mundo Mundos Novos*, 1,1 (2006), <https://nuevomundo.revues.org/index1560.html>, acesso em 30 jun. 2019.

6 Pesavento, “História e Literatura: uma velha-nova história”, s/p.

privilegiada para a leitura do imaginário. [...] Para além das disposições legais ou códigos de etiquetas de uma sociedade, é a literatura que fornece os indícios para pensar como e por que as pessoas agiam desta e daquela forma.⁷

Em outras palavras, as obras ficcionais, podem ser lidas pelo viés de entretenimento, ou com lócus privilegiado para a leitura da sociedade em foco, além de abrir uma porta para a dimensão cultural, para questionamentos e reflexões acerca das questões sociais, tornando-se uma fonte documental privilegiada, para se pensar a História Contemporânea, sobretudo, entender às causas e consequências da Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

Análise histórica da obra literária: *O menino da lista de Schindler*.

O relato escrito por Leon Leyson, foi redigido logo após a Segunda Guerra Mundial, na qual ele e sua família, já se encontrava nos Estados Unidos, embora, em seu interior humano, ainda perdurava-se o ônus daquele violento e sangrento Holocausto, isto é, memórias de um adolescente que vivenciou às práticas de atrocidades, e o trabalho compulsório imposto pelo Regime Nazista.

Ao contrário de: *O Diário Anne Frank*⁸; outra obra literária, que retrata tal contexto da Segunda Guerra e suas catástrofes. Na qual a personagem, escreve em um diário suas memórias pessoais, vivenciadas em um sótão em Amsterdã (capital holandesa), longe do terror da guerra.

Retornando à obra central, um dos primeiros pontos que se pode destacar no livro: *O menino da lista de Schindler*, é um relato de um tempo pré-guerra, onde o personagem Leyson, vivia numa pequena cidade polonesa, chamada de Narewka; na qual o mesmo, menciona às diversas restrições e perseguições que os judeus sofriam, somando-se aos conflitos constantes entre judeus e cristãos católicos. Logo, ele aprendeu:

[...] desde cedo que não deveria abusar da sorte andando despreocupado pelas ruas durante a Semana Santa, que precede a Páscoa. Essa era a única época em que nossos vizinhos cristãos nos tratavam de maneira diferente, como se de repente nós, judeus, fôssemos seus inimigos. Até algumas crianças que brincavam comigo passavam a me agredir. Elas atiravam pedras em mim e me ofendiam com xingamentos cruéis que me magoavam, como ‘assassino de Cristo’.⁹

A menção acima aborda, os litígios religiosos, em um país onde o Catolicismo Romano, era a religião hegemônica. Nessa conjuntura, é de se esperar que a comunidade judaica (enquanto minoria étnica e de credo religioso), sofresse desprezo e repúdio em momentos celebrativos da cristandade católica. Até mesmo, nas instituições de ensino, onde em momentos de preces e orações cristãs, os judeus deveriam ficar em pé, e permanecer em silêncio. Por sua vez, é salutar a intolerância religiosa, o que legitimou para muitos, consequentemente o genocídio judaico.

Com isso, é essencial diferenciar o antissemitismo, descrito primariamente como, ódio contra judeus, referente à etnia; com a sua expressão moderna, enraizada nas teorias raciais do século XIX.

⁷ Pesavento, *História e História Cultural*, p.82-83.

⁸ Anne Frank, *O Diário de Anne Frank*, Trad. de Alves Calado, 61ª ed., Rio de Janeiro, Record, 2016.

⁹ Leyson, *O menino da Lista de Schindler*, p. 28.

Enquanto que o antijudaísmo, é descrito como, hostilidade à religião judaica. Isso implica dizer que o antissemitismo, já era alimentado desde sempre, e é parte integrante da história conflituosa que prevalece entre judeus e gentios, desde a dispersão judaica.¹⁰

Isso favoreceu um ensejo para a disseminação cada vez maior, do ódio às etnias, tidas enquanto inferiores à luz dos nazistas. Além, é claro, do viés ideológico-partidário de cunho racial, que logra êxito quando Adolf Hitler assume o governo alemão, em 1933. Tendo em vista que:

[...] parte central do plano de Hitler era a marginalização dos judeus, fazendo de nós 'o outro'. Ele culpava o povo judaico pelos problemas da Alemanha, passados e presentes, desde a derrota na Grande Guerra à depressão econômica pela qual o país passava.¹¹

Nesse contexto, desfavorável e prejudicial à Alemanha, gesta-se e proporciona-se um antissemitismo estrutural e social existente. Em especial, através de um dos grandes momentos históricos, durante a vigência Nazista, um dos episódios de perseguição e repressão contra os judeus, conhecida como: *Noite dos Vidros Quebrados*. A mesma, é citada por Leyson, como uma da péssima notícia naquele momento, onde:

[...] na Alemanha e na Áustria, na noite de 9 de novembro de 1938, sinagogas e rolos da Torá foram queimados, e propriedades judaicas, destruídas. Judeus foram espancados aleatoriamente, quase cem foram assassinados. [...] A propaganda nazista retratava os acontecimentos daquela noite como uma manifestação espontânea contra os judeus; uma retaliação contra o assassinato de um diplomata alemão em Paris, por um rapaz judeu chamado Herschel Grynszpan.¹²

Conforme o trecho acima, é perceptível ver o quanto era vago e trivial o argumento justificatório, às perseguições contra a comunidade judaica, peculiar do antissemitismo em culpabilizar os judeus, pelas mazelas de ordem política, econômica, social etc. Além, de serem tidos pelos apoiadores do Nazismo, como um “câncer” do desenvolvimento econômico alemão. Na verdade, inúmeros momentos de terror e pânico, sofridos pelas vítimas deste sistema desumano, é relatado em obras ficcionais e acessíveis, a um segmento amplo e misto atual.

Seguidamente, o memorialista Leon Leyson, descreve minuciosamente, à invasão da Polônia pela Alemanha Nazista, quando:

[...] na madrugada de 1º de setembro de 1939, uma sirene de ataque aéreo me acordou com um sobressalto. Corri da cama para o outro cômodo e encontrei meus pais já ali, ouvindo radio com atenção. Em tons sombrios, o locutor apresentava as vagas informações disponível. Tanques alemães cruzaram a fronteira com a Polônia; [...].¹³

Desta maneira, a invasão alemã à Polônia, foi considerado o estopim para a eclosão da Segunda

10 Hannah Arendt, *Origens do totalitarismo*, Trad. de Roberto Raposo, São Paulo, Companhia das Letras, 2012, p.18.

11 Leyson, *O menino da Lista de Schindler*, p. 52.

12 Leyson, *O menino da Lista de Schindler*, p. 54.

13 Leyson, *O menino da Lista de Schindler*, p. 58.

Guerra Mundial (1939-1945), pois com isso, dois dias depois à França e Inglaterra, declararam guerra contra Alemanha; iniciando-se um dos conflitos mais sangrentos da história, e que mudou totalmente a ordem mundial, deixando um saldo de mortos exorbitante, principalmente judeus.

Diante da invasão polonesa, a vida dos judeus modificou-se totalmente, com a intensificação das repressões e perseguições constantes. Objetivando-se uma matança em massa, de ciganos, judeus, cristãos, homossexuais etc. Leyson em seu relato sobre este período da história, nos diz que o seu pai pensava que a guerra seria algo breve, sendo que perdurou por cinco anos.

Outro fator sobre a guerra presente no livro, é a questão do abastecimento alimentício, onde quem trabalhava nas fábricas, conseguia levar para casa, pedaços de pão ou carvão no bolso, pois: “Sem possuir objetos de valor, a única esperança da minha família para defender-se da fome era o trabalho, uma vez que ele significava comida, [...]”.¹⁴

Com o passar dos tempos, e a intensificação do governo nazista na Polônia, Leyson foi alojado com sua família no famoso e histórico Gueto de Cracóvia, onde ele cita em seu livro, às diversas atrocidades cometidas pelos oficiais nazistas. Concomitantemente, às relocações de muitas pessoas, para os campos de concentração (trabalho), e de extermínio. Além, do qual: “A fome era avassaladora para todos. Não havia freios para as doenças, que debilitavam, aleijavam e matavam indiscriminadamente”.¹⁵ À frente de locais com superlotações, não é de se esperar que, estes espaços fossem insalubres para viver, e com grande proliferação de doenças, tratamento desumano, excesso de trabalho, desnutrição, e experiências médicas etc.

Em relação aos espaços nazistas de remanejamento de prisioneiros, teve-se um dos mais famosos para Leyson, *O gueto judaico de Cracóvia* (cidade polonesa), que tinha a função excludente de purificação do centro da cidade, tal como, um local de transição para à ida dos judeus, em comboios aos campos de trabalho e de extermínio. Fora do gueto ficava a fábrica de Oscar Schindler, empresário nazista que aproveitava a mão de obra barata dos judeus, e que salvou milhares destes.

Por ser um local transitório, muitos presos judeus foram enviados aos campos de concentração sumariamente, e escalonados, havendo o envio de todos, em março de 1943.¹⁶ Data, na qual os nazistas acabaram com o gueto inteiro, e enviaram os seus remanescentes para Plaszów, que o autor, denomina de: “Último círculo do inferno”.¹⁷

Assim, como no gueto, o campo de concentração de Plaszów, era também uma representação das severas condições desumanas, impostas aos prisioneiros de guerra, um espaço construído em cima de dois cemitérios judeus, como uma tentativa de apagar a memória judaica na cidade, pois era um local “[...] estéril, triste, caótico. Pedras lama, arame farpado, cães ferozes, guardas ameaçadores e fileiras e mais fileiras de barracões que se estendiam até onde eu conseguia enxergar”.¹⁸

Após, essa descrição minuciosa da localização do campo de concentração de Plaszów, pode-se compreender que não era diferente de tantos outros, e era verdadeiramente, um campo onde os

14 Leyson, *O menino da Lista de Schindler*, p. 102.

15 Leyson, *O menino da Lista de Schindler*, p. 112.

16 Leyson, *O menino da Lista de Schindler*, p. 127.

17 Leyson, *O menino da Lista de Schindler*, p. 126.

18 Leyson, *O menino da Lista de Schindler*, p. 127.

judeus eram esgotados ao extremo, a chegar a tal ponto, de perderem a sua humanidade.¹⁹ Pautado em trabalhos forçados, na qual eram submetidos, tal qual a escassez e a má alimentação, composta de “[...] água quente com um pouco de sal ou pimenta e, com sorte, pedaços de casca de batata e lascas de outros vegetais.”²⁰

No que tange, às atrocidades cometida pela SS (Força Armada Nazista), destaca-se o oficial responsável pelo Campo de Concentração de Plaszów, o cruel Amon Goeth, que na qualidade de: “[...] comandante, Goeth poderia fazer o que quisesse, com ou sem razão”.²¹ Por isso, este militar é considerado o algoz do escritor Leon Leyson, que mandou dar-lhe um açoite junto a outros trabalhadores, somando-se à isso, a seleção dos ditos “essenciais”, para o serviço, e os “indispensáveis”, enviados à morte.

O livro em análise, também se debruça a relatar, como era a vida laboral nas fábricas de empresários nazista, exclusivamente na fábrica Emalia, de propriedade de Oscar Schindler. Um industrial Nazista, que conseguiu salvar milhares de judeus, graças à sua influência política com o governo alemão, e através do empreguismo judaico, em sua fábrica de esmaltados, mas que também beneficiava a guerra com suporte bélico, dentre os quais, revestimentos para detonadores de bombas.²²

Ressalta-se que, Oscar Schindler, foi um caso à parte de um alemão, que se mostrou contra a ideologia racial nazista, e utilizou-se de manobras para ajudar judeus, a fugir da Alemanha Hitleriana. Com isso, ele refutava a superioridade racial ariana, em detrimento das demais.²³ Pois:

[...] já estava acostumado ao fato de que, para os nazistas, eu era só mais um judeu; meu nome não importava. Mas para Schindler era diferente. Ele obviamente queria saber quem éramos. Seus atos mostravam que se importavam conosco enquanto indivíduos.²⁴

Ou seja, a atuação de Schindler, era vista como um ato heroico de guerra, sendo lembrado até os dias atuais por ter recebido em 1963, a honraria de “Justos entre às nações” do Yad Vashem. Ou melhor dizendo, um memorial do holocausto em Israel, que é oferecido a todos os não judeus, que ajudaram a salvar vidas da comunidade judaica, durante a Segunda Guerra Mundial.²⁵

Brevemente, à guerra caminhava para o seu fim com o avanço dos Aliados ao território alemão, principalmente, no dia 06 de junho de 1944, conhecido tradicionalmente como o *Dia D*. Em relação a essa data:

No verão de 1944, circulavam rumores de que os aliados estavam vencendo a guerra, sobretudo os americanos e britânicos a oeste e os soviéticos a leste. Recebíamos fragmentos de informações de tempos em tempos e concluímos que os aliados tinham chegado à Normandia

19 Levi Primo, *É isto um Homem?* Trad. de Luigi Dei, Rio de Janeiro, Rocco, 1988.

20 Leyson, *O menino da Lista de Schindler*, p. 138.

21 Leyson, *O menino da Lista de Schindler*, p. 135.

22 Leyson, *O menino da Lista de Schindler*, p. 152.

23 Leyson, *O menino da Lista de Schindler*, p. 157.

24 Leyson, *O menino da Lista de Schindler*, p. 153.

25 Júlia Braun, “110 anos de Oscar Schindler, grande humanitário da Segunda Guerra”, 2018, <https://veja.abril.com.br/mundo/110-anos-de-oskar-schindler-grande-humanitario-da-ii-guerra/>, acesso em 25 de jun. de 2019.

e preparavam um ataque no oeste.²⁶

Esse mesmo fato, *Anne Frank*, cita em seu diário por ter recebido a notícia através do rádio, e até do discurso de Winston Churchill na BBC sobre esta operação militar contra o Eixo²⁷; composto por: Itália, Alemanha e Japão. Em contrapartida, muito diferente do que acontecia com quem estava em campos de concentração.

Um outro acontecimento exposto por Leyson, refere-se ao seu irmão que foi obrigado junto com outros judeus, a exumar centenas de corpos humanos, contidos em valas comuns, para que pudessem ser queimados e apagados, qualquer vestígio de crime de guerra. Os mesmos, ao voltarem aos barracões, choravam ao relatar, que precisaram descer nos túmulos, para levantarem, e carregarem corpos em decomposição.²⁸ Sequencialmente, além das violências físicas sofridas, os prisioneiros de guerra, também eram vítimas de violências psicológicas e simbólicas, sejam adultos ou crianças.

Nesse ínterim, uma questão essencial a ser levantada, é que após perceberem a derrota na guerra, às tropas nazistas iniciaram uma tentativa de apagar vestígios, que denunciasses suas práticas desumanas, e conseqüentemente, um desaparecimento ou refutação de memórias das testemunhas do Holocausto.

Posteriormente, Leyson afirma que, com os alemães perdendo à guerra, a comida ficava cada vez mais escassa, a sopa, estava mais rala, tornando-se uma mera água quente²⁹, provocando assim a morte de muitos, por desnutrição próximo ao término do pesadelo; bem como, ordens para que a SS (Força Armada Nazista) pudesse matar todos os judeus da fábrica³⁰, ordem esta, abortada pela influência de Schindler.

A resposta de libertação dos “judeus de Schindler”³¹; veio no dia 8 de maio de 1945, quando: “Um soldado russo solitário foi até os portões e perguntou quem éramos. Dissemos que éramos judeus da Polônia. Ele falou que estávamos livres, frente à liberdade³²; diz que ficou em choque, confuso e em êxtase; e ele e os demais libertos, ficaram desorientados rodando o campo de trabalho por dois dias; portanto, vê-se aqui outra razão da questão psicológica pós-guerra, com os judeus libertos, que não sabiam o que fazer, e os riscos que deveriam enfrentar no mundo devastado pela Segunda Guerra Mundial.

Na conjuntura pós-guerra, os judeus das fabricas de Schindler, e posteriormente, sua volta às cidades, representou grandes dificuldade em se adaptarem, novamente ao meio social, pelo fato de perderem, tudo que é considerado digno e inerente ao Homem (Moradia, Vestimenta, Emprego etc.), e inevitavelmente, pelo antissemitismo que ainda pairava entre os alemães.

Por exemplo, os antissemitas ficaram contentes por ver os judeus, fora daquilo que eles consideravam enquanto país, e que voltando às suas vidas, marcados pelos traumas psicológicos e

26 Leyson, *O menino da Lista de Schindler*, p. 159.

27 Frank, *O Diário de Anne Frank*, p. 319-320.

28 Leyson, *O menino da Lista de Schindler*, p. 165.

29 Leyson, *O menino da Lista de Schindler*, p. 175.

30 Leyson, *O menino da Lista de Schindler*, p. 179

31 Leyson, *O menino da Lista de Schindler*, p. 216.

32 Leyson, *O menino da Lista de Schindler*, p.182

lembranças desagradáveis, os gentios ficaram angustiados, com a intensificação de infâmias contra os judeus, sendo culpabilizados pela morte de crianças e outros fins; Logo, provocando vandalismo contra sinagogas e depredação de locais, onde os judeus estavam alojados.

Portanto, “À medida que as semanas passavam, a vida não melhorava. Havia relatos constantes de violências recorrentes contra judeus. O trabalho era escasso e também a comida. Para nós, o futuro em Cracóvia parecia sombrio”³³. Essa passagem do livro, refere-se à razão da saída compulsória dos judeus da Europa, espalhando-se por todo o mundo, sobretudo, na região da Palestina e nos Estados Unidos da América.

Considerações finais

Outro fator que levou muitas vítimas da guerra, saírem do continente europeu, foi o encargo de memórias traumáticas, em um território arrasado por um conflito militar de demasiada proporção, onde uma população se encontrava entre o ressentimento, e a expectativa de um futuro melhor, aliás, uma tentativa de superação de memórias individuais e coletivas. Para tal fim:

Nunca é fácil recordar o que vivi, não importando quantos anos e quanta distância eu coloque entre mim e o menino que um dia fui. Toda vez que falo, sinto de novo a dor e ver meus pais sofrendo o frio e fome de todas aquelas noites em Plaszów e a perda de meus dois irmãos.³⁴

Em suma, isso demonstra o motivo de alguns relatos memorialísticos obterem um grande alcance e preferência editorial no mundo, principalmente, no fim do século XX ao início do século XXI. Angústia, dores e sofrimentos, guardados por sobreviventes, que ainda sentem receio de expor suas lembranças pessoais, ou rememorar aqueles fatídicos momentos nos campos de concentração, onde estiveram defronte à morte.

É essencial, enfatizarmos que, o viés literário contribui para às pesquisas históricas e o Ensino de História, à medida que, a linguagem literária acarreta um tipo saber peculiar e uma instrução da realidade, considerando que a literatura intenciona a busca por essa realidade, e possível verdade.

E ainda, a literatura é testemunho histórico, representa resultados do seu tempo sendo fruto do mesmo. E faz parte do ofício do historiador tratar igualmente dos projetos que não se realizaram; das possibilidades que não se concretizaram, devendo está atento a todos esses aspectos, compreendendo as limitações da utilização da literatura e executando sua função de interrogar as fontes.³⁵

Contemporaneamente, devido o retorno de uma onda conservadora e de cunho extremista pelo mundo, percebe-se que, os diversos comentários antissemitas encontrados em logradouros públicos, em sua maioria são perpetuados e gestados via internet. Tais dados são alarmantes, sendo essencial explicar às futuras gerações, às trágicas causas e consequências do sentimento antissemita, ou qualquer

33 Leyson, *O menino da Lista de Schindler*, p. 192.

34 Leyson, *O menino da Lista de Schindler*, p. 222.

35 Silva, *Uso de relatos no ensino de história: debates e experiências*, p.17.

aversão a algo considerado “diferente”, ou “inferior” na percepção de determinado grupo, comunidade, ou sociedade. Portanto, a construção de uma cultura de paz mundial, é um trabalho processual e gradual no sentido de reconhecer a diversidade humana.